

MARILIA  
DE  
DIRCEO.

POR T. A. G.

---

SEGUNDA PARTE.

---



LISBOA:

---

NA TYPOGRAFIA LACERDINA:

1804.

*Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.*



7, 2 62  
57

---

M A R I L I A  
D E  
D I R C E O.

---

L Y R A I.

**J** A' não cínjo de loiro a minha testa,  
Nem sonoras Canções o Deos me inspira :  
Ah ! que nem me resta  
Huma já quebrada,  
Mal sonora Lyra !

Mas neste mesmo estado em que me vejo ,  
Pede , Marilia , Amor que vá cantar-te :  
Cumpro o seu desejo ;  
E ao que resta supra  
A paixão , e a arte.

A fumaça , Marilia , da candêa ,  
Que a molhada parede ou çuja , ou pinta ;  
Bem que tosca , e fêa ,  
Agora me póde  
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta :  
Elle me diz , que faça no pé de huma  
Má laranja ponta ,  
E delle me sirva  
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não , não devo  
Verás , Marilia , huma idéa nova :  
Sim , eu já te escrevo ,  
Do que esta alma dita  
Quanto amor approva.



Quem vive no regaço da ventura ,  
Nada obra em te adorar , que aflombro faça :  
Mostra mais ternura  
Quem te estima , e morre  
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa  
Ainda vendo estou teus olhos bellos ,  
A testa formosa ,  
Os dentes nevados ,  
Os negros cabellos.

Vejo , Marilia , fim , e vejo ainda  
A chusma dos Cupidos , que pendentos  
Dessa bocca linda ,  
Nos ares espalhão  
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo ,  
Responderei = no peito = que huns Amores  
De casto desejo  
Aqui te pintáraõ ,  
E saõ bons Pintores.

Mal meus olhos te viraõ , ah ! nessa hora  
Teu Retrato fizeraõ , e taõ forte ,  
Que entendo , que agora  
Só póde apagallo  
O pulso da Morte.

Isto escrevia , quando , ó Céos , que pejo !  
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro.  
Ah ! da-lhes hum beijo ,  
E diz-me que valem  
Mais que letras de oiro.

---

L Y R A II.

**E** Sprema a vil calumnia muito embora  
Entre as mãos denegridas, e insolentes  
Os venenos das plantas,  
E das bravas serpentes.

Chovaõ raios e raios, no meu rosto  
Naõ has-de ver, Marilia, o medo escrito:  
O medo perturbado,  
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito conheço, pódem muito,  
As Furias infernaes, que Pluto move;  
Mas póde mais que todas  
Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa ,  
A quem seu nome deraõ , a Narciso ,  
Fêz de muitos os Astros ,  
Qu' inda no Ceo diviso.

Elle pôde livrar-me das injurias  
Do nescio , do atrevido ingrato povo ;  
Em nova flor mudar-me ,  
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céos por fins ocultos  
Em taõ tyranno mal me não soccorrem ,  
Verás entãõ , que os sabios ,  
Bem como vivem , morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.  
Tu , formosa Marilia , bem o sabes :  
Hum coração , e basta ,  
Onde tu mesma. cabes.

---

LYRA III.

Succede , Marilia bella ,  
A' medonha noite o dia :  
A estação chuvosa e fria ,  
A' quente secca estação.

Muda-se a forte dos tempos ;  
Só a minha forte não ?

Os troncos , nas Primaveras ,  
Brotaõ em flores viçosos ;  
Nos Invernos escabrosos  
Largaõ as folhas no chaõ.

Muda-se a forte dos troncos ;  
Só a minha forte não ?

Aos

Aos brutos , Marilia , cortaõ  
Armadas redes os passos ;  
Rompem depois os seus laços ,  
Fogem da dura prisaõ.

Muda-se a forte dos brutos ;  
Só a minha forte não ?

Nenhum dos homens conserva  
Alegre sempre o seu rosto ;  
Depois das penas vem gosto ,  
Depois do gosto afflicçaõ.

Muda-se a forte dos homens ,  
Só a minha forte não ?

Aos altos Deoses movêraõ  
Soberbos Gigantes guerra ;  
No mais tempo o Ceo , e a Terra  
Lhes tributa adoraçaõ.

Muda-se a forte dos Deoses ;  
Só a minha forte não ?



Hade , Marilia , mudar-se  
Do destino a inclemencia :  
Tenho por mim a innocencia ,  
Tenho por mim a razão.

Muda-se a forte de tudo ;  
Só a minha forte não ?

O tempo , ó bella , que gasta  
Os troncos , pedras , e o cobre ,  
O véo rompe , com que encobre  
A' verdade a vil traição.

Muda-se a forte de tudo ;  
Só a minha forte não ?

Qual eu sou verá o mundo ,  
Mais me dará do que eu tinha ,  
Tornarei a ver-te minha.

Que feliz consolação !

Naõ ha de tudo mudar-se ,  
Só a minha forte não.

---

L Y R A IV.

**J**A', já me vai, Marília, branquejando  
Loiro cabelo, que circula a testa,  
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,  
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,  
E vão-se sobre os ossos enrugando,  
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;  
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergaõ;  
As forças dos meus membros já se gastaõ,  
Vou a dar pela casa huns curtos passos,  
Pesaõ-me os pés, e arrastaõ.

Se algum dia me vires desta forte ,  
Vê que assim me não pôz a mão dos annos :  
Os trabalhos , Marilia , os sentimentos ,  
Fazem os meus danos.

Mal te vir me dará em poucos dias ,  
A minha mocidade o doce gosto ;  
Verás burnir-se a pelle , o corpo encher-se ,  
Voltar a côr ao rosto.

No calmofo Verao as plantas seccaõ ,  
Na Primavera , que aos mortaes encanta ,  
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho ,  
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece ;  
Mas logo que a doença fez seu termo ,  
Torna , Marilia , a ser quem era d'antes ,  
O definhado enfermo.

Suppoê-me qual doente , ou qual a planta ,  
No meio da desgraça , que me altera :  
Eu tambem te supponho qual faude ,  
Ou qual a Primavera.

Se daõ esses teus meigos , vivos olhos  
Aos mesmos Astros luz , e vida ás flores ;  
Que effeitos não faraõ , em quem por elles  
Sempre morrêo de amores ?

---

L Y R A V.

O S mares , minha bella , não se movem ;  
O brando Norte aslopra , nem diviso  
Huma nuvem sequer na Esfera toda ,  
O destro Nauta aqui não he preciso ;  
Eu só conduzo a náó , eu só modéro  
Do seu governo a roda.

Mas

Mas ah ! que o Sul carrega, o mar se empolla,  
Rasga-se a véla , o mastaréo se parte!  
Qualquer varaõ prudente aqui já teme  
Naõ tenho a necessaria força , e arte.  
Corra o sabio Piloto , corra , e venha  
Reger o duro leme.

Como succede á náó no mar , succede  
Aos homens na ventura , e na desgraça :  
Basta ao feliz naõ ter total demencia ,  
Mas quem de venturoso a triste passa ,  
Deve entregar o leme do discurso  
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio , os raios chovem ;  
E esta alma , em tanta pena consternada ,  
Nem sabe aonde possa achár conforto.  
Ah , naõ , naõ tardes, vem, Marilia amada ,  
Toma o leme da náó , marêa o panno ,  
Vai-a salvar no porto.

Mas

Mas ouço já de Amor as sabias vozes:  
Elle me diz que soffra se não morro;  
E perco então se morro huns doces laços.  
Não quero já, Marilia, mais soccorro,  
Oh ditoso soffrer, que lucrar póde  
A gloria dos teus braços.

---

L Y R A VI.

**D**E que te queixas,  
Lingua importuna?  
De que a Fortuna  
Roubar-te queira,  
O que te deu?  
Este foi sempre  
O genio seu.



Levou, Marilia,  
A impia forte  
Catoens á morte;  
Nem sepultura  
Lhes concedeu.

Este foi sempre  
O genio seu.

A outros muitos,  
Que vís nascêraõ,  
Nem merecêraõ,  
A grandes thronos  
A impia ergueu.

Este foi sempre  
O genio seu.

Espalha a cega  
Sobre os humanos  
Os bens, e os damnos;  
E a quem se devaõ  
Nunca escolheu.

Este foi sempre  
O genio seu.

A quanto he justo,  
Já mais se dobra;  
Nem igual obra  
C'os mesmos Deoses  
Do cáro Ceo.

Este foi sempre  
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus

N'hum carro ufano ;

E cahe Vulcano

Da pura esfera ,

Em que nasceu.

Este foi sempre

O genio seu.

Mas não me rouba ,

Bem que se mude ,

Honra , e virtude :

Que o mais he della ,

Mas isto he meu.

Este foi sempre

O genio seu.

---

L Y R A VII.

**M**Eu prezado Glauceste ,  
Se fazes o conceito ,  
Que bem que réo abrigo  
A candida Virtude no meu peito.  
Se julgas , digo , que mereço ainda  
Da tua mão soccorro ;  
Ah ! vem dar-m'o agora ,  
Agora fim que morro.

Naõ quero , que montado  
No Pegaço fogoso ,  
Venhas com dura lança  
Ao monstro infame traspassar raivoso.  
Deixa que viva a perfida calumnia ,  
E forge o meu tormento :  
Com menos , meu Glauceste ,  
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada ,  
E toca hum pouco nella :  
Levanta a vóz celeste  
Em parte que te escute a minha bella;  
Enche todo o contorno de alegria;  
Naõ soffras, que o desgosto  
Affogue em pranto amargo  
O seu divino rosto.

Eu fei , eu fei , Glauceste ,  
Que hum bom Cantor havia ,  
Que os brutos amansava ;  
Que os troncos , e os penedos attrahia.  
De outro destro Cantor tambem affirma ;  
A sábia Antiguidade ,  
Que as muralhas erguera  
De huma grande Cidade.

Or-

Orfeo as cordas fere ;  
O som delgado , e terno  
Ao Rei Plutaõ abrandá ,  
E o deixa que penetre o fundo Averno.  
Ah , tu a nenhum cedés , nem Glauceste ,  
Na lyra , e mais no canto :  
Podes fazer prodigios ;  
Obrar ou mais , ou tanto.

Levanta pois as vozes :  
Que mais , que mais esperas ?  
Confolá hum peito afflito ;  
Que he menos inda , que domar as féras.  
Com isto me darás no meu tormento  
Hum doce lenitivo ,  
Que em quanto a bella vive ;  
Tambem , Glauceste , vivo.



---

L Y R A VIII.

**E**U vejo , ó minha bella , aquelle Numen ,  
A quem o nome deraõ de Fortuna ,  
Pega-me pelo braço ,  
E com voz importuna  
Me diz que mova o passo ;  
Que entre no grande Templo, em q se encerra  
Quanto o destino manda ,  
Que ella obre sobre a terra.

Que coizas portentosas nelle encontro !  
Eu vejo a pobre fundação de Roma ;  
Vejo-a queimar Carthago ;  
Vejo que as gentes doma ;  
E vejo o seu estrago.  
Lá floresce o poder do Assyrio Povo :  
Aqui os Medos crescem  
E os perde hum braço novo.

En-

Então me diz a Deosa: *E que pertendes?*  
*Todas estas Medalhas vêr agora?*

*Ab! não, não sejas louco!*

*Espaço de annos fôra*

*Para isso ainda pouco.*

*Deixa estranhos successos; vem comigo,*

*Verás quanto inda deve*

*Acontecer comtigo.*

Levou-me a onde estava a minha historia;

Que toda nte explicou com medo, e arte.

*Tirei-te libras de oiro,*

*Me diz, e quero dar-te*

*Todo aquelle thesoiro.*

*Naõ suspira por tens hum peito nobre:*

*Sevéro lhe respondo.*

*Vivo affeito a ser pobre.*

Aqui me enruga a Deosa irada a testa,  
E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegra , alegre o rosto ,  
Prosegue , ali te faço  
Restituir o posto.*

Respondo com ar de mofa , e tom sereno .

*Conheço-te , Fortuna ,  
Posso murrer pequeno.*

*Aqui te dou , me diz , a tua amada.*

Então me banho todo de alegria

*Cuidei , me torna a cega ,  
Que essa alma não queria  
Nem esta mesma entrega.*

He effe o bem , respondo , que me move ;

*Mas este bem he santo ,  
Vem só da mão de Jove.*

Que

Queria mais fallar ; eu insoffrido  
Desta maneira rompo os seus accentos :  
*Basta , Fortuna , basta ;*  
*Estes breves momentos*  
*Lá noutras coizas gasta ;*  
*Da minha sorte nada mais contemplo.*  
E chamando Marilia  
Suspiro , e deixo o Templo.

---

L Y R A IX.

**A** Estas horas  
Eu procurava  
Os meus Amores ;  
Tinhaõ-me inveja  
Os mais Pastores.

A porta abria ,  
Inda esfregando  
Os olhos bellos ,  
Sem flor , nem fitta  
Nos seus cabellos :

Ah ! que assim mesmo  
Sem compostura ,  
He mais formosa ,  
Que a estrella d'alva ,  
Que a fresca rosa .

Mal eu a via ,  
Hum ar mais leve ,  
( Que doce effeito ! )  
Já respirava  
Meu terno peito .

Do cerco apenas  
Soltava o gado ,  
Eu lhe animava  
Aquella ovelha  
Que mais amava.

Dava-lhe sempre  
No rio , e fonte ,  
No prado , e selva ,  
Agua mais clara ,  
Mais branda relva.

No cóllo a punha ,  
Então brincando  
A mim a unia ;  
Mil coizas ternas  
Aqui dizia.



Marilia vendo  
Que eu só com ella  
He que fallava;  
Ria-se a furto,  
E disfarçava.

Desta maneira  
Nos castos peitos,  
De dia, em dia  
A nossa chamma  
Mais se accendia.

Ah ! quantas vezes  
No chaõ sentado,  
Eu lhe lavrava  
As finas rócas,  
Em que fiava?

Da

Da mesma forte  
Que á sua amada ,  
Que está no ninho ,  
Fronteiro canta  
O passarinho.

Na quente fésta ,  
Della defronte ,  
Eu me entretinha  
Movendo o ferro  
Da sanfoninha.

Ella por dar-me  
De ouvir o gosto ,  
Mais se chegava :  
Então vaidoso  
Assim cantava :

Naõ ha Pastora,  
Que chegar possa  
A' minha bella;  
Nem quem me iguale  
Tãbem na estrella:

Se Amor concede  
Que eu me recline  
No branco peito,  
Eu naõ invejo  
De Jove o leito:

Ornaõ seu peito  
As sãs virtudes,  
Que nos namoraõ;  
No seu semblante  
As Graças moraõ.

Assim vivia :  
Hoje em suspiros  
O canto mudo :  
Assim , Marilia ,  
Se acaba tudo.

---

---

L Y R A X.

**A** Rde o velho barril , arde a cabeça ,  
Em honra de João na larga rua ;  
O credulo Mortal agora indaga ,  
Qual seja a forte sua ?

Eu não tenho alcaxofra , que á luz chegue ,  
E nella orvalhe o Ceo de madrugada ,  
Para ver se rebentaõ novas folhas ,  
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo, que despeje  
Dentro de hum cópo d'agua, e possa nella  
Fingir Palacios grandes, altas Torres,  
E huma Não á véla.

Mas, ah! em bem me lembre: eu tenho ouvido  
Que na boca hum bochecho d'agoa tome,  
E atrás de qualquer porta attento esteja,  
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse  
O nome, que ha de ter a minha amada:  
Pode verdade ser, se fôr mentira,  
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente  
Ouvi dizer o nome de Filena:  
Despejo logo a boca: ah! não sei como  
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido : então saltando  
Em ar de zombaria huma risada.  
E que tal , me pergunta , esteve a peça ?  
Naõ foi bem pregada ?

Eu já te disse , que Marilia he tua :  
Tu fazes do meu dito tanta conta ,  
Que vais acreditar , o que te ensina  
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo : quem debaixo  
Do açoitado da Fortuna afflito geme ,  
Nas mesmas coizas , que só são brinquedos ,  
Se agoirão males , teme.

---

LYRA XI.

**S**E acaso não estou no fundo Averno  
Padece, ó minha bella, fim padece

O peito amante, e terno,  
As afflições tyrannas, que os Precitos  
Arbêtra Rhadamantho em justa pena  
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes  
Com a mão descarnada não me applicaõ  
As raivosas serpentes.

Mas cercaõ-me outros monstros mais irados:  
Mordem-me sem cessar as bravas serpes  
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marília, a vida toda  
Em lançar o penedo da montanha;  
Ou em mover a roda.

Mas tenho ainda mais cruel tormento:  
Por coisas que me affligem, roda, e gyra  
Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado  
A's tepidas entranhas não me come  
Hum abutre esfaimado.

Mas sinto de outro monstro a crueldade:  
Devora o coração, que mal palpita,  
O abutre da laudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,  
Que de mim se retiraõ, quando busco  
Fartar o meu desejo;  
Mas quer, Marília, o meu destino ingrato,  
Que lograr-te não possa, estando vendo  
Nesta alma o teu retrato.



Estou no Inferno , estou , Marilia bella ;  
E n'huma coisa só he mais humana

A minha dura estrella :

Huns não podem mover do Inferno os passos ;

Eu pertendo voar , e voar cedo

A' gloria ! dos teus braços .

## LYRA XII.

AH, Marilia, que tormento  
Não tens de sentir saudosa!  
Não podem ver os teus olhos  
A campina deleitosa,  
Nem a tua mesma Aldêa,  
Que tyrannos não proponhaõ  
A' inda inquieta idéa  
Huma imagem de afflicção.

Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando lebares , Marilia ,  
Teu ledó rebanho ao prado  
Tu dirás : aqui trazia  
Dirceo também o seu gado.  
Verás os sitios ditosos  
Onde , Marilia , te dava  
Doces beijos amorosos  
Nos dedos da branca mão.

Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires  
Sem queres , descuidada ,  
Tu verás , Marilia , a minha  
E minha pobre morada.  
Tu dirás então comtigo :  
Alli Dirceo esperava  
Para me levar comfigo :  
E alli soffreo a prisaõ.

Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quan-

Quando vires igualmente  
Do caro Glauceste a choça,  
Onde alegres se juntavaõ  
Os poucos da escolha nossa,  
Pendo os olhos na varanda  
Tu dirás, de mágoa chêa :  
Todo o congresso alli anda,  
Só o meu Amado não.

Mandarás aos furdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua  
O meu companheiro honrado,  
Sem que me vejas com elle  
Caminhar emparelhado,  
Tu dirás : não foi tyranna  
Sómente comigo a sorte ;  
Tambem cortou deshumana  
A mais fiel uniaõ.

Mandarás aos furdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido  
Eu não vejo. imagens destas,  
Imagens, que são por certo  
A quem adora funestas.  
Mas se existem separadas  
Dos inchados róxos olhos,  
Estaõ, que he mais, retratadas  
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos Deoses  
Tristes suspiros em vão.

---

L Y R A XIII.

V Es , Marilia , hum cordeiro  
De flores enramado ,  
Como alegre caminha  
A ser sacrificado ?  
O Povo para o Templo já concorre :  
A Pyra sacro-santa já se accende :  
O Ministro o ' fere , elle bala , e morre.

Vês agora o novillo ,  
A quem segura o laço :  
No chaõ as mãos espedaça :  
Nem quer mover hum passo :  
Naõ conhece que sahe de hum máo terreno ;  
Que o forte pulso , que a seguir o arrasta ,  
O conduz a viver n'um campo ameno.

Igno-

Ignora o bruto, como  
Lhe dispomos a sorte:  
Hum vai forçado á vida,  
Vai outro alegre á morte,  
Nós temos, minha bella, igual demencia:  
Não sabemos os fins, com que nos move  
A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho  
Os máos matar quizerão:  
De conselho mudárao,  
Como escravo o vendêrao:  
José não corre a ser hum servo afflito:  
Vai subindo os degráos, por onde chega  
A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem

Quem sabe se o Destino  
Hoje, ó bella, me prende,  
Só porque nisto de outros  
Mais damnos me defende?  
Póde inda raiar hum claro dia.  
Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;  
E beijo a santa mão, que assim me guia.

---

#### L Y R A XIV.

**A** Alma digna de mil Avós Augustos!  
Tu sentes, tu soluças  
Ao ver cahir os justos;  
Honras as santas leis da Humanidade:  
E aos teus exemplos deve  
Gravar com letras de oiro no seu Templo  
A candida Amizade.



Naõ he , naõ he de Heróe huma alma forte ,  
Que vê com rosto enchuto  
No seu igual a morte.  
Naõ he tambem de Heróe hum peito duro ,  
Que a sua gloria firma ,  
Em que lhe naõ resiste ao ferro , e fogo ,  
Nem legiaõ , nem muro.

Oh ! quanto ousado Chefe me namora ,  
Quando vê a cabeça ,  
Do bom Pompeo , e chora !  
He grande para mim , quem move os passos ,  
E de Dario aos filhos ,  
Que como escravos seus tratar podéra ,  
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneás , Capitão piedoso ,  
Entre os Heróes do Mundo  
Hum nome glorioso ,  
Não he , porque levanta hum cidade ;  
He sim , porque nos hombros  
Salvou do incendio ao Pai a quem detinha  
A mão da branca idade.

Ah ! se ao meu contrario entre as chãmas vira,  
Eu mesmo , sim , da morte  
Aos hombros o remira :  
Inda por elle muito mais obrára :  
E se nada servisse ,  
Fizera então , Amigo , o que fizeste ,  
Gemêra , e suspirára.

Oh ,

Oh ! quanto são duraveis as cadêas  
De huma amizade, quando  
Se dão iguaes idéas !

Se a pezar dos estorvos se sustinha  
Nossa uniaõ sincera,  
Foi por ser a minha alma igual á tua,  
E a tua igual á minha.

Se, ó caro Amigo, te merece tanto,  
Lá lhe fica a sua alma, ,  
Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu fallo, és tu, Marilia bella.

Ah ! sim, honrado Amigo,  
Se enxugar não poderes os seus olhos;  
Prantêa então com ella.

---

L Y R A ` XV.

**E** U , Marilia , não fui nenhum Vaqueiro;  
Fui honrado Pastor da tua Aldêa;  
Vestia finas lãns , e tinha sempre  
A minha chóça do preciso chêa.  
Tiraraõ-me o casal , e o manso gado ,  
Nem tenho-a que me encoste hum só cajado.

Para ter , que te dar , he que eu queria  
De mór rebanho ainda ser o dono ;  
Prezava o teu semblante , os teus cabellos  
Ainda muito mais que hum grande Throno.  
Agora que te offerte já não vejo  
Além de hum puro amor , de hum saõ desejo.

Se o rio levantado me causava  
Levando a sementeira prejuízo,  
Eu alegre ficava apenas via  
Na tua breve boca hum ar de riso.  
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto  
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço  
As quentes horas da comprida sesta,  
Escrever teus louvores nos olmeiros,  
Toucar-te de papoilas na floresta.  
Julgou o justo Ceo, que não convinha  
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah, minha bella, se a Fortuna volta,  
Se o bem que já perdi alcanço, e provo;  
Por essas brancas mãos, por essas faces  
Te juro renascer hum homem novo;  
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,  
Amar no Ceo a Jove, e ati na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas ,  
Que pagarei dos poucos do meu ganho ;  
E dentro em pouco tempo nos veremos  
Senhores outra vez de hum bom rebanho.  
Para o contagio lhe não dar sobeja  
Que as affague Marilia , ou só que as veja.

Se não tivermos lans , e pelles finas ,  
Podem mui bem cobrir as carnes nossas  
As pelles dos cordeiros mal cortidas ,  
E os pannõs feitos com as lans mais grossas.  
Mas ao menos será o teu vestido  
Por mãos de Amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente fésta  
Com canas , e com cêstos os peixinhos :  
Nós iremos caçar nas manhãs frias  
Com a vara envisgada os passarinhos.  
Para nos divertir faremos quanto  
Reputa o verão sabio , honesto , e santo.

Nas noites de seraõ nos sentaremos  
C'os filhos se os tivermos á fogueira;  
Entre as falsas historias, que contares,  
Lhes contarás a minha verdadeira:  
Pasãados te ouviráõ; eu entre tanto  
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua  
Nos mostraráõ c'o dedo os mais Pastores,  
Dizendo huns para os outros: olha os nossos  
Exemplos da desgraça, e saõs'amores.  
Contentes viviremos desta sorte,  
Até que chegue a hum dos dois a morte.

---

L Y R A XVI.

**V** Ejo, Marilia,  
Que o nédeo gado  
Anda disperfo  
No monte, e prado;  
Que affim succede  
Ao desgraçado,  
Que a perder chega  
O feu Pastor.  
Mas inda soffro  
A viva dôr.

Tam-



Tambem conheço ,  
Que os Pegureiros ,  
Que apascentavaõ  
Os meus cordeiros ,  
Daraõ suspiros  
E verdadeiros ;  
Porque perdêraõ  
Hum pai no amor.  
Mas inda soffro  
A viva dôr.

Eu mais alcanço ;  
Que a minha herdade  
Estando eu prezo ,  
Soffrer não ha-de  
Nem a charrua ,  
E nem a grade ;  
Que a mão lhe falta  
Do Lavrador.  
Mas inda soffro  
A viva dôr.

Mas

Mas quando sobe  
A' minha idéa,  
Que tu ficaste  
Lá nessa Aldêa.  
De mil cuidados  
E mágoa cheia;  
Das paixões minhas  
Não sou senhor.  
Eu já não soffro  
A viva dôr.

A quanto chega  
A pena forte!  
Peza-me a vida,  
Desejo a morte,  
A Jove accuso,  
Maldigo a sorte,  
Trato a Cupido  
Por hum traidor.  
Eu já não soffro  
A viva dôr.

Mas

Mas este excesso  
Perdaõ merece,  
E delle Jove  
Se compadece;  
Que Jove, ó bella,  
Mui bem conhece,  
Aonde chega  
Paixaõ de amor.  
Eu já naõ soffro  
A viva dôr.

## L Y R A XVII.

**D** Irceo te deixa, ó bella,  
De padecer cançado:  
Frio suor já banha  
Seu rosto descórado;  
O sangue já não gyra pela vêa,  
Seus pulsos já não batem;  
E a clara luz dos olhos se bacêa:  
A lagrima sentida já lhe corre;  
Já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu espirito chega  
Onde se pune o erro :  
Late o caõ, e se lhe abrem  
Grossos portões de ferro.  
Aos severos Juizes se apresenta ;  
E com sentidas vozes  
Toda a sua tragedia representa :  
Enche-se de ternura, e novo espanto  
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a boca,  
E a pedra não despede ;  
Outro já não se lembra  
Da fome, e mais da sede :  
Descança o curvo bico, e agarra impia  
Negro abutre esfaimado :  
Nem a roca medonha a Parca fia,  
Aré as mesmas Furias inclementes  
Deixaõ cahir das unhas as serpentes.

Já votaõ os Juizes ;  
E o Rei Plutaõ lhe ordena  
Deixe o sitio, em que ficaõ  
Almas dignas de pena.  
Já sahe do escuro Reino, e da memoria  
Lhe passa tudo quanto  
Ou póde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria.  
Só, bem que o gosto asturvas agoas tome ,  
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra já nos Elyfios  
Campinas venturosas ,  
Que manfos rios cortaõ ,  
Que cobrem sempre as rofas.  
Escuta o canto das sonoras aves ,  
E bebe as agoas puras ,  
Que o mel , e de que o leite mais suaves.  
Aqui, diz elle , espero a minha bella ,  
Aqui contente viverei com ella.

Aqui

Aqui . . . porém aonde  
Me leva a dôr activa?  
He illusão desta alma.

Jove inda quer que eu viva.  
Eu devo sim gozar teus doces laços;  
E em paga dos meus males  
Devo morrer, Marilia, nos teus braços.  
Então eu passarei ao Reino amigo;  
E tu irás depois lá ter comigo.

---

L Y R A XVIII.

**N**ão mólho, Marília,  
De pranto a másmorra  
Que o terno Cupido  
Não vôle, e não corra,  
A hilo apanhar.  
Estende-o nas azas  
Sobre elle suspira,  
Por fim se retira,  
E vai-to levar.



Se o moço não mente ,  
Aos tristes gemidos ,  
Aos ais lastimosos  
Não guardes unidos ,  
Marilia , c'os teus :  
As lagrimas nossas  
No seio amontôa  
Fórma azas , e vôa ,  
Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa ,  
Qua amava aos Troianos,  
Livra-los querendo  
De riscos , e damnos  
A Jove buscou.  
As aguas , que o rosto  
Da Deosa banháraõ  
A Jove abrandáraõ ,  
E assim os salvou.

Con-

Confia-te, ó bella,  
Confia-te em Jove;  
Ainda se abrandá,  
Ainda se move  
Com ancias de amor.  
O pranto de Venus,  
Que obrou no Pai tanto.,  
Não tem que o teu pranto  
Apreço maior.

---

LYRA XIX.

Nesta triste masmorra,  
De hum semivivo corpo sepultura,  
Inda, Marilia, adoro  
A tua formosura.  
Amor na minha idéa te retrata,  
Bulca extremo, que eu assim resista  
A' dôr immentia, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,  
Então mais vivamente te diviso:  
Vejo o teu rosto, e escuto  
A tua voz, e riso.  
Movo ligeiro para o vulto os passos:  
Eu beijo a tibia luz em vez de face;  
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Tão-

Conheço a illusão minha ;  
A violencia da mágoa não supporto ;  
Foge-me a vista , e caio  
Não sei se vivo , ou morto.  
Enternece-se Amor de estrago tanto ;  
Reclina-me no peito , e com mão terna  
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento  
Por largo espaço a' imagem de hum defunto,  
Movo os membros , suspiro ,  
E onde estou pergunto.  
Conheço então que Amor me tem com figo ;  
Ergo a cabeça , que inda mal sustento ,  
E com doente voz assim lhe digo.

Se queres ser piedoso,  
Procura o sitio em que Marilia móra,  
Pinta-lhe o meu estrago,  
E vê, Amor, se chora.  
Se a lagrimas verter a dôr a arrasta,  
Huma dellas me traze sobre as pennas,  
E para allivio meu só isto basta.

---

## L Y R A XX.

**S**E me visles com teus olhos  
Nesta masmorra mettido;  
De mil idéas funestas,  
E cuidados combatido:  
Qual seria, ó minha bella,  
Qual seria o teu pezar?

A' força da dôr cedêra ;  
E nem estaria vivo ,  
Se o menino Deos vendado ,  
Extremolo , e compassivo ,  
Com o nome de Marilia  
Naõ me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva ;  
O meio dia tem dado ,  
E o cabelo inda flutua  
pelas costas desgrenhado.  
Naõ tenho valor , naõ tenho ;  
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido : E Marilia ;  
Naõ estima esse cabelo ?  
Se o deixas perder de todo  
Naõ se ha de enfadar ao vello ?  
Suspiro pego no pente ,  
Vou logo o cabelo atar.

Vem

Vem hum taboleiro entrando  
De varios manjares cheio,  
Põe-se na meza a toalha,  
E eu pensativo passeio:  
De todo o comer esfria,  
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te,  
Diz Amor, te tens proposto;  
Fazes bem: terá Marilia  
Desgosto sobre desgosto.  
Qual enfermo c'o remedio  
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegaõ as horas Marilia,  
Em que o Sol já se tem posto,  
Vem-me á memoria que nellas  
Via á janella o teu rosto:  
Reclino na mão a face  
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido : Já basta,  
Já basta , Dirceo , de pranto ;  
Em obsequio de Marilia  
Vai erguer teu doce canto.  
Pendem as fontes dos olhos ,  
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me  
A velha çuja candêa ;  
Fica , Marilia , a malsmorra  
Inda mais 'triste , e mais fêa.  
Nem mais canto , nem mais posso  
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido : São horas  
De escrever-se o que está feito ;  
Do azeite , e da fumaça  
Huma nova tinta ageito ,  
Tomo o pão , que penna finge ,  
Vou as Lyras copiar.

Sem



Sem que chegue o leve sono  
Canta o Gallo a vez terceira ;  
Eu digo ao Amor ; que fico  
Sem deitar-me a noite inteira :  
Faço mimos , e promessas  
Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide ,  
Que hei-de ver Marilia em sonho ;  
Não respondo hum a palavra ,  
A dura cama componho ,  
Apago a triste candêa ,  
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados  
Risistir , ó minha Bella ,  
Quem não tem de Amor a graça ?  
Se eu que vivo á sombra della  
Inda vivo desta sorte ,  
Sempre triste a suspirar ?

---

L Y R A XXI.

**Q**ue diversas que são, Marília, as horas  
Que passo na maldorra immunda, e fêa,  
Dessas horas felizes, já passadas  
Na tua patria Aldêa.

Então eu me ajuntava com Glauceste;  
E á sombra de alto Cédro na Campina  
Eu versos te compunha, e elle os compunha  
A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;  
De exceder hum ao outro qualquer trata  
O ecco agora diz: *Marília terna*;  
E logo: *Eulina ingrata*.

Deixaó os mesmos Sátyros as grutas:  
Hum para nós ligeiro move os passos;  
Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta  
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo (clama hum Pastor,) ah! bem merece  
Da ternissima Marilia a formosura.  
E aonde, clama o outro, quer Eulina  
Achar maior ventura?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,  
Em quanto em nós durava esta porfia.  
E ella, ó minha amada, só findava  
Depois de acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana  
Os versos, que de tarde havia feito;  
Mal tos dava, e os lias, os guardavas  
No casto, e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,  
Banhados com as lagrimas do gosto,  
Jurava não cantar mais outras graças  
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento.  
Eu agora, Marilia, não as canto;  
Mas inda vale mais que os doces versos  
A voz do triste pranto.

---

L Y R A XXII.

**P**Or morto, Marília,  
Aqui me reputo:  
Mil vezes escuto  
O som do arrastado,  
E duro grilhaõ.  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.

A chave lá sôa  
Na porta segura:  
Abre-se a escura,  
Infame masmorra  
Da minha prizaõ.  
Mas, ah ! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.

Eu vejo , Marilia,  
A mil innocentes  
Nas Cruzes pendentes,  
Por falsos delictos ,  
Que os homens lhes daõ.  
Mas , ah ! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.



Se penso que posso  
Perder o gozar-te  
A gloria de dar-te  
Abraços honestos,  
E beijos na mão.  
Marilia, já treme,  
Já treme de susto  
O meu coração.

Repára, Marilia,  
O quanto he mais forte  
Ainda que a morte,  
N'um peito esforçado  
De amor a paixão.  
Marilia, já treme,  
Já treme de susto  
O meu coração.

## L Y R A XXIII.

**N**ÃO praguejes, Marília, não praguejes  
A justiceira mão que lança os ferros :  
Não traz de balde a vingadora espada ;  
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz , virtudes de homem  
As mãos se deraõ , e em seu peito moraõ.  
Manda prender ao Réo austeramente a boca ,  
Porém seus olhos choraõ.

Se á innocencia denigre a vil calumnia  
Que culpa aquelle tem que applica a penna.  
Não he o Julgador , he o processo ,  
E a lei quem nos condemna.



Só no Averno os Juizes não recebem  
Accusação, nem prova de outro humano;  
Aqui todos confessaõ suas culpas,  
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes:  
Huma o fogo chega, outra as serpes move;  
Todos maldizem sim a sua estrella,  
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe,  
Bem que a prizaõ me dá que eu não mereço.  
Qual eu sou, minha bella, não me trata,  
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune  
Ao vassallo que julga delinquente;  
Que golto não terá podendo dar-lhe  
As honras de innocente?

## LYRA XXIV.

**E** U vou, Marilia, vou brigar co' as feras:  
Huma soltáraõ, eu lhe sinto os passos,  
Aqui aqui a espero  
Nestes despídos braços.  
He hum malhado tigre; a mim já corre,  
Ao peito o aperto, estalaõ-lhe as costelas,  
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem

Vem agora hum Leão: facode a grenha,  
Com faminta paixão a mim se lança;  
Venha embora, que o pulso  
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,  
O corpo lhe fraquêa, os olhos inchaõ,  
Açoita o chaõ convulso, arqueja, e espira.

Mas que vejo, Marilia! tu te assustas?  
Entendes que os destinos inhumanos  
Expoem a minha vida  
No cêrco dos Romanos?

Com urfos, e com onças eu não luto.  
Luto c'ó bravo monstro que me accusa;  
Que os tigres, e leões mais féro, e bruto.

Em-

Embora contra mim raivoso e'grima  
Da vil calumnia a cortadora espada;  
Huma alma, qual eu tenho,  
Não se recêa a nada.

Eu hei-de, sim, punir-lhe a insolencia,  
Pizar-lhe o negro cóllo, abrir-lhe o peito  
Co' as armas invenciveis da innocencia.

Ah, quando imaginar, que vingativo  
Mando que desça ao Tartaro profundo  
Hei-de com mão honrada  
Erguer-lhe o corpo immundo.

Eu então lhe direi: Infame, indêno,  
Obras como costuma o vil humano;  
Faço o que faz hum coração divino.

## LYRA XXV.

**M**Inha Marilia,  
O passarinho,  
A quem roubáraõ  
Ovos, e ninho,  
Mil vezes poufa  
No seu raminho,  
Piando finge  
Que anda a chorar.

Mas logo vòa  
Pela espessura,  
Nem mais procura  
Este lugar.

Se acaso a vacca  
Perde a vitela,  
Tambem nos mostra,  
Que se desvela,  
O pasto deixa,  
Muge por ella,  
Até na estrada  
A vem buscar.

Em poucos dias,  
Ao que parece,  
Della se esquece,  
E vai pastar.

O voraz Tempo ,  
Que o ferro come ,  
Que aos meismos Reinos  
Devora o nome ,  
Tambem , Mariia ,  
Tambem confome  
Dentro do peito  
Qualquer pezar.

Ah só naõ póde  
Ao meu tormento  
Por hum momento  
Allivio dar

Tambem, ó bella,  
Naõ ha quem viva  
Instantes breves  
Na chamma activa;  
Derrete ao bronze  
Sendo excessiva  
Ao mesmo leixo  
Faz estalar.

Mas do amianto  
A fêbra dura  
Na chamma atura  
Sem se queimar.

Tam-



Tambem , Marilia ,  
Naõ ha quem negue ,  
Que bem que o fogo  
Nos oleos pegue ,  
Que bem que em lingoas  
A's nuvens chegue ,  
A' força d' agoa  
Se ha de apagar.

Se a negra pedra  
Nós accendemos ,  
Com agoa a vemos  
Mais s' inflammarmos.

O meu discurſo ,  
Marilia , he reſto :  
A pena iguala  
Ao meu affecto.  
O amor que nutro  
Ao teu aſpecto ,  
E o teu ſemblante  
He ſingular.

Ah ! nem o tempo ,  
Nem inda a morte  
A dôr tão forte  
Pode acabar.

## L Y R A XXVI.

A Quelle , a quem fêz cégo a Natureza ,  
C'o bordaõ apalpa , e aos que vem pergunta ;  
Ainda se despenha muitas vezes ,  
E dois remedios junta.

De ler céga a Fortuna eu naõ me queixo ;  
Sim me queixo de que má céga seja  
Céga que nem pergunta , nem apalpa ,  
He porque errar defeja.

A quem gastar naõ sabe , nem se anima ,  
Entrega as grossas chaves de hum thesoiro :  
E lança na miséria a quem conhece  
Para que serve o oiro.

A quem fere , a quem rouba , a infame deixa  
Que a traz do vicio em liberdade corra ,  
Eu honro as leis do Imperio , ella me opprime  
N' esta vil masmorra.

Mas ah ! minha Marilia , que esta queixa  
Co' a sólida razão se não coaduna ,  
Como me queixo da Fortuna tanto ,  
Se fei não ha Fortuna ?

O: Fados , os Destinos , essa Deosa  
Que os Sábios fingem que huma roda move ,  
He só a occulta mão da Providencia ,  
A fábria mão de Jove.

Nós he que somos cégos , que não vemos ;  
A que fins nos conduz por estes modos ;  
Por torcidas estradas , ruins varedas  
Caminha ao bem de todos.

Ale-

Alegre-se o perverso com as ditas;  
C'ò seu merecimento o virtuoso;  
Parecer desgraçado, ó minha bella,  
He muito mais honroso.

---

## L Y R A XXVII.

**A** Minha amada  
He mais formosa  
Que branco lyrio,  
Dobrada rosa,  
Que o cinnamomo,  
Quando matiza  
Co' a folha a flor.  
Venus não chega  
Ao meu Amor.

Vasta campina  
De trigo chéa,  
Quando na festa  
C'o vento ondêa,  
Ao seu cabelo  
Quando flutua  
Não he igual.  
Tem a côr negra:  
Mas quanto val!

Os astros, que andão  
Na esfera pura,  
Quando scintillaõ  
Na noite escura,  
Não são humanos,  
Tão lindos, como  
Seus olhos são.  
Que ao Sol excedem  
Na luz que dão.

A's brancas faces ,  
Ah ! não se atreve  
Jasmim de Italia ,  
Nem inda a neve ,  
Quando a desfata  
O Sol brilhante  
Com seu calôr.  
São neve , e cauião  
No peito ardôr.

Na breve boca  
Vejo enlaçadas  
As finas pei'las  
Com as granadas ;  
A par dos beijos  
Rubins da India  
Tem preço vil.  
Nelles se agarraõ  
Amores mil.

Se não lhe desse  
Compadecido  
Tanto socorro  
O Deos Cupido;  
Se não vivêra  
Huma esperança  
No peito seu;  
Já morto estava  
O bom Dirceo.

Vê quanto póde  
Teu bello rosto;  
E de goza-lo  
O vivo gosto!  
Que sobmergido  
Em hum tormento  
Quasi infernal,  
Porqu' inda espero  
Resisto ao mal.



---

L Y R A XXVIII.

**D** Etê-te, vil humano,  
Naõ espremas cicutas  
Para fazer-me damno.  
O gúmo que ellas daõ he pouco forte,  
Procura outras bebidas,  
Que apressem mais a morte.  
Desce ao Reino profundo,  
Ajunta ahi venenos,  
Que nunca visse o mundo;  
Traz o negro licôr, que tem nos dentes,  
Nos dentes rerorcidos  
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,,  
Que pôz a Natureza  
Dentro no Mar salgado,  
Não se abala no meio da tormenta,  
Bem que huma onda, e outra onda  
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra  
As robustas raizes,  
Buscando o centro, afferra,  
Não teme ao furacão mais violento;  
E menos se se deixa  
Vergar do rijo vento.

Sou

Sou tronco , e rócha , ó bella ,  
Que agoita o Sul que brama ,  
E o Mar , que se encapella :  
Naõ remas que do rosto a côr se mude :  
Vence as róchas , e os troncos  
A sólida Virtude.

A maior desventura  
He sempre a que nos lança  
No horror da sepultura :  
O cobarde a morrer tambem caminha ;  
Com que males naõ póde  
Huma alma como a minha ?

---

L Y R A XXIX.

**E** U descubro procurar-me  
Gentil mancebo , e loiro ,  
Trazia a testa adornada  
Com folhas de verde loiro.  
Vejo ser o Pai das Musas ,  
E me entrega a lyra d' oiro.

Já basta , me diz , ó filho ,  
Já basta de sentimento ;  
O cansado peito exige  
Hum breve contentamento.  
Louva a formosa Marilia  
Ao som do meu instrumento.

Fi.

Firo as cordas ; mas que importa ?  
A dôr não fôcega em tanto.  
Ergo a voz , então reparo  
Que quanto mais corre o pranto  
He mais doce , e mais sonoro  
Meu terno , e faudoso canto.

Apollo fitou os olhos  
Na mão , que regia o braço ;  
E depois de estar suspenso ,  
De me ouvir hum largo espaço ,  
Assim diz : *o Deos Cupido*  
*Faz inda mais do que eu faço.*

*Eu te dou a minha lyra ,*  
*Louva , louva a tua Bella ;*  
*Porém vê que ta concedo*  
*Com condiçaõ , e cautella....*  
Eu lhe corto a voz , dizendo ,  
Que só canto em honra della.

## LYRA XXX.

**O** Pai das Musas,  
O Pastor loiro  
Deo-me, Marilia,  
Para cantar-te  
A lyra de oiro.

As cordas firo,  
O brando vento  
Teus dotes leva  
Nas brancas azas  
Ao firmamento.

O teu cabelo  
Vale hum thesoiro;  
Hum só me adorna  
A sábia frente  
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos  
Amor assiste;  
Delles faz guerra;  
Ninguem lhe fuge,  
Ninguem resiste.

Algumas vezes  
Eu o diviso  
Taó bem occulto  
Nas lindas cóvas,  
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos  
Tem os seus ninhos  
Destros Amores,  
Nelles se gerao  
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,  
Quando com arte  
As armas toma,  
Porque mais prenda  
Ao fero Marte.

Eu produzia  
Estas idéas,  
Quando, Marilia,  
O som escuto  
Das vis cadêas.

Dou



DE DIRECÇÃO.

Dou hum suspiro ,  
Corre o meu pranto;  
E inda bebendo  
Lagrimas tristes ,  
De novo canto.

Sou da constancia  
Hum vivo exemplo.  
E vós, ó ferros ,  
Honrareis inda  
De Amor o Templo.

L Y R A . XXXI.

**R**oubou-me, ó minha Amada, a sorte impia,  
Quanto de meu gozava  
N'um só funesto dia.

Hon-

Honras de maioral, manada grossa,  
Fertil, extensa herdade,  
Bem reparada chôça.

Metteo-me nesta infame sepultura,  
Que he sepulcro sem honras,  
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo,  
Venha outro desgraçado  
Sentir também comigo.

Mas se esta companhia não mereço;  
Os Deoses me dão outra,  
Inda de mais apreço.

Não he, não, illusão o que te digo;  
Tu mesma me acompanhas;  
Peno, mas he contigo.

Não

Naõ vejo as tuas faces g~~ra~~iosas ,  
Os teus soltos cabelos ,  
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse , infeliz me naõ dissera ,  
Bem que subira ao Potro ,  
Bem que na Cruz pendêra.

Naõ ouço as tuas vozes magoadas ,  
Com ardentes suspiros  
A's vezes mal formadas.

Mas vejo , ó cara , as tuas letras bellas ;  
Huma por huma beijo ,  
E choro entaõ sobre ellas.

Tu me dizes que figa o meu destino ;  
Que o teu amor na ausencia  
Será leal , e fino.

De novo a carta ao coração aperto,  
De novo a molha o pranto  
Que de ternura verto.

Ah ! leve muito embora o duro Fado,  
A tudo quanto tenho  
Com meu suor ganhado.

Eu juro, que do roubo nem me queixe;  
Com tanto, ó minha cara,  
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão,  
Os que te amão, sómente  
Porque menos te ouvirão?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa cega;  
Que eu tenho aquella gloria,  
Que a mil felizes nega.

## L Y R A XXXII

**S**E o vasto mar se encapella,  
E na rócha em flor rebenta,  
Grossa náó, q' não tem léme,  
Em vão sustentar-se intenta;  
Até que naufraga, e corre  
A' discrição da tormenta.

Quem não tem huma Belleza,  
Em que ponha o seu cuidado,  
Se o Ceo se cobre de nuvens,  
E se aslopra o vento irado,  
Não tem forças que resistaõ  
Ao impulso do seu fado.

Nes-

Nesta sombria n'asmorra,  
Aonde, Marilia, vivo,  
Encosto na mão o rosto,  
Fico ás vezes pensativo.  
Ah! que imagens tão funestas  
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,  
Marilia, toda enlutada,  
A face de hum pai rugosa,  
N'um mar de pranto banhada,  
Os amigos mascilentos,  
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos  
Para outro diverso lado,  
Vejo n'ua grande Praça  
Hum theatro levantado.  
Vejo as Cruzes, vejo os Potros,  
Vejo o Alfanje afiado.

Hum



Hum frio suor me cobre,  
 Laçaõ-se os membros, suspiro,  
 Busco allivio ás minhas aneias,  
 Naõ o descubro, deliro.  
 Já, meu Bem, já me parece,  
 Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me entaõ ao pensamento  
 A tua testa nevada,  
 Os teus meigos, vivos olhos,  
 A tua face rosada,  
 Os teus dentes crystallinos,  
 A tua boca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,  
 Que a negra noite affugenta,  
 Qual o Sol, que a nevoa espalha  
 Apenas a terra aqueenta,  
 Ou qual Iris, que o Ceo limpa,  
 Quando se vena tormenta.

108 MARILIA DE DIRCEO.

Assim, Marilia, **T**desterro  
Triste illusão, e demencia;  
Faz de novo o seu officio,  
A razão, e a prudencia;  
E firmo esperanças doces  
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,  
Sóbe a viva côr ao rosto;  
Gyra o sangue pela vêa,  
E bate o pulso composto.  
Vê, Marilia, o quanto pôde  
Contra os meus males teu rosto.

F I M.

*Vende-se na Loja da Gazeta!*